

## UMA TEMPESTADE PERFEITA NA POLÍTICA EXTERNA DOS EUA

Por M. K. Bhadrakumar\*



*Bomba de óleo impressa em 3D em frente ao logotipo da OPEP (Dado Ruvic/Reuters).*

*Além da ingenuidade de acreditar que uma superpotência energética pode ser simplesmente “apagada”, ao determinar o preço praticado por um produtor de petróleo o G7 estabelece um precedente: hoje é a Rússia, mas amanhã pode ser a Arábia Saudita ou o Iraque; portanto, a OPEP está apenas sendo proativa.*

O velho ditado diz que uma boa política externa é o reflexo da política nacional. Uma tempestade perfeita está se formando na frente da política externa nos Estados Unidos, desencadeada pela decisão da OPEP na quinta-feira de cortar a produção de petróleo em dois milhões de barris por dia, o que, por um lado, aumentará o preço do gás para o consumidor doméstico e, por outro, expõe as prioridades desiguais da política externa do governo Biden.

Em seu nível mais óbvio, a decisão da OPEP confirma a crença de que Washington perdeu sua influência com o cartel dos países produtores de petróleo. Isso está sendo atribuído à deterioração das relações dos EUA com a Arábia Saudita durante a presidência de Joe Biden. Mas, fundamentalmente, surgiu uma contradição entre os interesses dos EUA e dos países produtores de petróleo.

Contradições não são novidade para a geopolítica do petróleo. As décadas de 1970 e 1980 testemunharam duas grandes “crises do petróleo”. Uma foi gerada pelo homem, enquanto a outra foi uma interação de forças históricas – a Guerra do Yom-Kippur de 1973 e a Revolução Iraniana de 1979.

À jusante da Guerra do Yom-Kippur, as nações árabes armamentizaram o petróleo e proclamaram um embargo de petróleo às nações ocidentais que foram percebidas como tendo apoiado Israel na guerra. O resultado foi que o preço do petróleo subiu quase 300% em menos de seis meses, prejudicando a economia mundial.

O presidente Nixon pediu aos postos de combustível que não vendessem gasolina de sábado à noite até segunda de manhã. A crise afetou mais a indústria do que o consumidor médio.

Em 1979, a Revolução Iraniana atingiu as taxas de produção de petróleo e a oferta mundial de petróleo encolheu 4%. O pânico se instalou, a demanda por petróleo bruto disparou e o preço mais que dobrou.

A administração Biden tentou o destino subestimando a importância do petróleo em termos econômicos e políticos modernos e ignorando que o petróleo continuará sendo a fonte de energia dominante em todo o mundo no futuro próximo, alimentando tudo, desde carros e aquecimento doméstico até grandes titãs da indústria e fábricas.

Uma transição suave para a energia verde ao longo do tempo depende em grande parte da disponibilidade contínua de combustível fóssil barato e abundante. Mas o governo Biden ignorou que aqueles que têm reservas de petróleo exercem um enorme poder sobre nossos sistemas de energia centrados no petróleo, e aqueles que compram petróleo são, pelo contrário, extremamente dependentes do mercado e das relações diplomáticas que o impulsionam.

As potências ocidentais são ingênuas demais em acreditar que uma superpotência energética como a Rússia pode ser simplesmente “apagada” do ecossistema. Em uma “guerra de energia” com a Rússia, elas estão condenadas a acabar como perdedoras.

Historicamente, as nações ocidentais compreenderam o imperativo de manter boas relações diplomáticas com os países produtores de petróleo. Mas Biden jogou a cautela ao vento ao insultar a Arábia Saudita chamando-a de “estado pária”. Qualquer melhora nas relações EUA-Arábia Saudita não deve ser esperada sob a supervisão de Biden. Os sauditas desconfiam das intenções americanas.

A congruência de interesses por parte da OPEP para manter os preços elevados deve-se essencialmente ao facto de necessitarem de receitas extras para o seu orçamento de despesas e para manterem um nível de investimento saudável na indústria petrolífera. Em abril, o Fundo Monetário Internacional projetou o preço de equilíbrio do petróleo da Arábia Saudita – o preço pelo qual o país equilibraria seu orçamento – em US\$ 79,20 o barril.

O governo saudita não divulga seu suposto preço de equilíbrio do petróleo. Mas uma [reportagem](#) da *Reuters* sugeriu que um nível de preço preferencial seria de cerca de US\$ 90 a US\$ 100 o barril para o petróleo Brent – nesse nível, não terá um grande impacto na economia global. Claro, mais de US\$ 100 será um lucro inesperado.

Enquanto isso, uma crise “sistêmica” está se formando. É natural que a OPEP veja com ceticismo os recentes movimentos dos EUA e da UE para reduzir as exportações de petróleo da Rússia. O Ocidente racionaliza esses movimentos com o objetivo de reduzir drasticamente a receita da Rússia com as exportações de petróleo (o que se traduz em sua resiliência para combater a guerra na Ucrânia), ao extremo.

A OPEP considera isso uma mudança de paradigma, pois desafia implicitamente a prerrogativa assumida do cartel de garantir que a oferta global de petróleo corresponda à demanda, onde uma das principais medidas de equilíbrio entre oferta e demanda é o preço. Indiscutivelmente, o Ocidente está de fato montando um cartel rival de países consumidores de petróleo para regular o mercado de petróleo.

Sem dúvida, o movimento do Ocidente estabelece um precedente – ou seja, determinar, por razões geopolíticas, o preço pelo qual um país produtor de petróleo tem o direito de exportá-lo. Se é a Rússia hoje, pode ser a Arábia Saudita ou o Iraque amanhã. A decisão do G7, se for implementada, corroerá o papel fundamental da OPEP na regulação do mercado global de petróleo.

Portanto, a OPEP está reagindo proativamente. Sua decisão de reduzir a produção de petróleo em dois milhões de barris por dia e manter o preço do petróleo acima de US\$ 90 por barril zomba da decisão do G7. A OPEP estima que as opções de Washington para combater a OPEP+ são limitadas. Ao contrário do histórico energético passado, os EUA não têm hoje um único aliado dentro do grupo OPEP+.

Devido à crescente demanda doméstica por petróleo e gás, é perfeitamente concebível que as exportações dos EUA de ambos os itens possam ser reduzidas. Se isso acontecer, a Europa será a maior prejudicada. Em [entrevista](#) ao *Financial Times* na semana passada, o primeiro-ministro da Bélgica, Alexander De Croo, alertou que, à medida que o inverno se aproxima, se os preços da energia não forem reduzidos, “correremos o risco de uma desindustrialização maciça do continente europeu e as consequências disso a longo prazo podem realmente ser muito profundas.”

Ele acrescentou estas palavras assustadoras: “Nossas populações estão recebendo faturas que são completamente insanas. Em algum momento, isso vai romper. Eu entendo que as pessoas estão com raiva... as pessoas não têm como pagar”. De Croo estava alertando sobre a probabilidade de agitação social e turbulência política nos países europeus.

Sem dúvida, esta é uma mudança tectônica na geopolítica que provavelmente pode vir a ser mais importante do que o conflito na Ucrânia na construção da ordem mundial multipolar.

Essa tempestade perfeita na política externa de Biden também pode impactar as eleições de meio de mandato em novembro e proporcionar uma maioria republicana no Senado, o que pode definir o ritmo das eleições presidenciais de 2024 nos EUA.

O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, [disse](#) que, ao se afastar da energia russa, a Europa se tornou um mercado cativo para as empresas petrolíferas dos EUA que agora estão ganhando “dinheiro loucamente”, mas o alto custo disso está drenando a competitividade da economia europeia.

“A produção está caindo. A desindustrialização está chegando. Tudo isso terá consequências muito, muito deploráveis para o continente europeu provavelmente, pelo menos, nos próximos 10 a 20 anos”, disse Peskov.

A Rússia pode ser o maior “ganhador” dos cortes da OPEP+. A opinião de especialistas é que os preços do petróleo vão subir dos níveis atuais até o final do ano e no próximo ano. Ou seja, a Rússia não cortará nenhuma produção enquanto o preço do petróleo aumentar nos próximos meses! À medida que o preço do petróleo sobe, a Rússia não terá que cortar nem um barril de sua produção, desde que tenha um mercado grande o suficiente depois de dezembro para vender o petróleo que agora vai para a Europa. Mais uma vez, a Rússia, por sua vez, reitera que não fornecerá petróleo aos países que aderirem ao teto de preços do G7. Está combinando com os instrumentos não comerciais da administração Biden.

Publicado no [Indian Punchline](#).

---

*\*M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*

---